



“Renacer” - Eva Díez

28 Janeiro / 25 Março 2017

Galeria das Salgadeiras

Eva anda à procura. O particular deambular do pensamento ligado sempre a uma transumância vital, leva-a a meditar sobre o espaço de conforto e a ubiquidade dele. Esse espaço concebido como guarida de aconchego, o que é recorrente na sua obra. Muda constantemente o conceito de habitabilidade, quebra com os estereótipos, dá voltas de dentro para fora para confrontar a Casa.

É uma dessas artistas com o discurso profundo e pausado, porque gosta de ver antes de fotografar. É escrava do pensamento e foge de acumular imagens de forma compulsiva, mastiga o seu contorno e devora filosofias. Aliás, tem digestões lentas. Não concebe o mundo da fotografia como uma simples coleção absurda de imagens que o espírito de consumo degolador leva com assiduidade ao autor ou autora a uma voragem de pertenças bidimensionais que encham malas e atrapalham o caminho. Eva Díez fotografa para entender, e depois de debulhar tempos compridos, fixa em papel aquele conhecimento adquirido para partilha-lo numa tentativa de um novo feedback da espetadora para apropriar-se de novas visões do seu cosmos.

Formalmente, entre “Os que habitam” (o seu anterior ensaio) e “Renacer” parecem aos olhos neófitos trabalhos distantes. São. Em tempo e em maturidade. Mas não na forma como que se relaciona com o que a rodeia e com essa procura do conceito Casa como albergue ou lar.

Como na quadra radicional que serve de introdução a este texto, Eva Díez enverdece as casas no momento e hora que as vê, estabelecendo uma relação com elas que poderíamos comparar a muitas formas de amor. Nesse processo de encenação – habitual na sua obra – dá luz às pedras que outrora foram casas, humanizando-as na procura do calor que já perderam pelas fendas que se abrem para dar passo à natureza voraz.

Longe de cair em artifícios estéticos, como já acontecera no seu trabalho anterior, o relacionamento que estabelece com o fotografado vai para além da iluminação e do “décor”, pois para a artista tem mais peso o vital que o próprio click. A relação com as ruínas converte-se num exercício paradoxal, tendo como objectivo procurar a reconciliação com a Casa como ponto de partida e centro nevrálgico e de aconchego. As dúvidas que Eva encontra, transporta-as para o espectador/a.

O mergulho no seu trabalho leva-a a entrar na história da casa, a enebriar-se das histórias que ecoam nas paredes caídas para ter uma relação que não fica num simples registo fotográfico. Assim, a iluminação que oferece às ruínas leva-nos rapidamente a um passado que se faz presente contínuo do que aí tinha acontecido. Fala-nos do humano, das rotinas, de tradições, de histórias familiares, e de histórias que extravassam as paredes da casa para ser do domínio da comunidade mais próxima.

Estamos ante o ensaio fotográfico elegido como o melhor trabalho na Galiza no ano 2015. O trabalho de Díez é um projeto fotopoético que visibiliza de maneira radical as oposições essenciais da fotografia: luz e escuridão, primeiro plano e plano de fundo, ancorados por insinuações de planos médios, vacuidade e a presença além do que vemos. "Renacer" regista um oxímoro: uma extraordinária beleza, porém, inquietante.

O impacto da sua fotografia reside em construir uma paisagem que renasce de um mundo que agoniza, das ruínas que resistem em desaparecer sempre que haja luz que as ilumine. A mesma luz que se enfrenta à escuridão que as condena ao esquecimento. A mesma luz que com que Eva as aconchega para fotografar.

Nas imagens há uma calma inquietante que congela o silêncio, que relata a presença poética das sombras, o calar da vida, o esmorecer dos sons, a agonia das pedras... Imagens oníricas que devolvem o calor humano do lar aos restos decadentes e nos convidam a entrar nessas casas para sentir o mistério da sua poesia visual e, se calhar, reviver o que já foi.

Vitor Nieves

Curador do Festival Outono Fotográfico



“Renacer” - Eva Díez

28 January / 25 March 2017

Galeria das Salgadeiras

Eva is looking for something. The particular wandering of the thoughts always connected to a vital migration leads her to meditate on the space of comfort and the ubiquity of it. That space conceived as a den of tranquillity, something already

recurrent in her work. She constantly changes the concept of habitability, breaks away from the stereotypes and goes in and out to confront the House.

She is one of those artists with a deep slow speech, because she likes seeing before taking a picture. She is a slave of the thought and escapes from jamming images compulsively, chews her environment and embraces philosophies. Incidentally she has slow digestions. She does not conceive the world of photography as a simple absurd collection of images that the spirit of cutthroat consumption leads the author to a maelstrom of bidimensional belongings that fill bags and messes the way. Eva Díez photographs to understand, and after drawing long times, she fixes on paper that gained knowledge to share it in an attempt of a new feedback from the spectator to appropriate herself of new visions of her cosmos.

Formally, «Os que habitam» [Those who inhabit] (her previous essay) and “Renacer” [Rebirth] resemble to the neophyte eyes distant jobs. They are. In time and maturity. But not in the way she relates with the surrounding and with that search for the concept of House as a shelter or home.

As in a traditional copla that serves as header to this text, Eva Díez turns the houses green in the point and time she comes to see them and she establishes a relationship with them that we could compare in many ways to love. In that proceeding to staging -habitual in her work- she gives light to the stones that once upon a time were homes, humanising them to find the heat they already lost through the cracks that open to give way to the voracious nature.

Far from falling into aesthetic artifices, as had happened in her previous work, the relationship she establishes with the photographed goes beyond the lighting and the atrezzo, because for the artist it is more important the vital than the click itself, that trivialises and demystifies in a moment that could even not been made by her. The relationship with the ruins becomes a paradoxical exercise in which, aiming the reconciliation with the House as

a starting point and main centre and shelter, she just is able to find more questions that transports the spectator

When she immerses herself in her work she gets into the history of the house, she becomes intoxicated with the stories that echo in the tumbled walls to have a relationship that does not stay as a simple photographic record. This way, the lighting she gifts the ruins leads us quickly to a past that becomes continuous present of what within the rooms of the house had happened. She tells us of the human, the routines, traditions, family stories, and stories that overrode the walls of the house to be the domain of the closest community.

We are facing the photographic essay chosen as the best job in Galicia this year. Díez's work is a photographic project that makes visible in a radical way the essential oppositions of photography: light and darkness, foreground and background anchored by insinuations of middle planes, emptiness and thus presence beyond what we see. Renacer registers an oxymoron: an extraordinary beauty, indeed, disturbing.

The impact of her photography lies in building a landscape that rises from a dying world, from the ruins that refuse to disappear whenever there is light illuminating them. The same light that faces the darkness that condemns them to oblivion. The same light that Eva just provided for the shootings. In the pictures there is a troubling calm that freezes the silence, that tells the poetic presence of the shadows, the dead of life, the fading of the sounds, the agony of the stones... Dreams images that return the human warmth of the home back to the decadent remains and invite us to enter these houses to feel the mystery of their visual poetry and perhaps revive what once was.

Vitor Nieves

Curator of Festival Outono Fotográfico



“Renacer” - Eva Díez

28 Xaneiro / 25 Marzo 2017

Galeria das Salgadeiras

Eva anda á procura. O particular deambular de pensamento ligado sempre a unha trashumancia vital, lévaa a meditar sobre o espazo de conforto e a ubicuidade do mesmo. Ese espazo concibido como guarida de acougo, que é algo xa recorrente na súa obra. Ela muda constantemente o concepto de habitabilidade, racha cos estereotipos e dá voltas de dentro para fóra para confrontar a Casa.

É unha desas artistas con discurso profundo e pausado, porque gusta de ver antes que fotografar. É escrava do pensamento e fuxe de ateigar imaxes de xeito compulsivo, mastiga a súa contorna e fagocita filosofías. Aliás ten dixestións lentas. Non concibe o mundo da fotografía como unha simple colección absurda de imaxes que o espírito de consumo degolador leva ao autor ou autora a unha voráxine de pertenzas bidimensionais que enchen maletas e atrapallan o camiño. Eva Díez fotografa para entender, e logo de debullar longos tempos, fixa en papel aquel coñecemento adquirido para partillalo nun intento dun novo feed back da espectadora para apropiarse de novas visións do seu cosmos.

Formalmente, entre “Os que habitan” (o seu anterior ensaio) e “Renacer” semellan aos ollos neófitos traballos distantes. Son. En tempo e en madurez. Mais non no xeito que ela ten de relacionarse co que a rodea e con esa procura do concepto Casa como albergue ou fogar.

Coma na copla tradicional que serve de cabezallo a este texto, Eva Díez enverdece as casas no punto e hora que as ve e establece unha relación con elas que poderíamos comparar con moitas formas de amor. Nese proceder de escenificación – habitual na súa obra – dá luz ás pedras que noutrora foran casas, humanizándoas na procura da calor que xa perderon polas fendas que se abren para dar paso á natureza voraz.

Lonxe de caer en artificios esteticistas, como xa acontecera no seu traballo anterior, o relacionamento que establece co fotografado vai para alén da iluminación e do atrezzo, pois para a artista ten máis peso o vital e que o propio click, que banaliza e desacraliza nun instante que podería até non facer ela. A relación coas ruínas convértese nun exercicio paradóxico no que, tendo como obxectivo procurar a reconciliación coa Casa como punto de partida e centro neurálxico e de acubillo, só consegue é atopar máis dúbidas que transporta á espectadora ou espectador.

O mergullo no seu traballo lévaa a adentrarse na historia da casa, a embebedarse das historias que ecoan nas paredes tombadas para ter unha relación que non fica nun simple rexistro fotográfico. Así, a iluminación que lle agasalla ás ruínas lévanos rapidamente a un pasado que se fai presente contínuo do que nos cuartos da casa tiña acontecido. Fálanos do humano, das rutinas, de tradicións, de historias familiares, e de historias que ultrapasaron as paredes da casa para ser de dominio da comunidade máis próxima.

Estamos ante o ensaio fotográfico elixido como o mellor traballo na Galiza neste ano. O traballo de Díez é un proxecto fotopoético que visibiliza de maneira radical as oposicións esenciais da fotografía: luz e escuridade, primeiro plano e plano de fondo ancorados por insinuacións de planos medios, vacuidade e porén presenza alén do que vemos. Renacer rexistra um oxímoron: unha extraordinaria beleza, aliás, inquietante.

O impacto da súa fotografía reside en construír unha paisaxe que renace dun mundo que agoniza, das ruínas que se resisten a desaparecer sempre que haxa luz que as ilumine. A mesma luz que se enfrenta á escuridade que as condena ao esquecemento. A mesma luz que Eva vén de aportar para as fotografar.

Nas imaxes hai unha calma inquietante que conxela o silencio, que relata a poética presenza das sombras, o calar da vida, o esmorecer dos sons, a agonía das pedras... Imaxes oníricas que devolven a calor humana do lar aos restos decadentes e nos convidan a entrar nesas casas para sentir o misterio da súa poesía visual e, se cadra, revivir o que xa foi.

Vitor Nieves

Curador do Festival Outono Fotográfico